

# **FUNÇÃO DA ESCRITA OU O ESCRITO NÃO É UMA METALINGUAGEM: UMA METÁFORA LACANIANA**

Severina Sílvia Ferreira<sup>1</sup>

*"Aquele que sabe não fala, aquele que fala não sabe."*

(Lao-Tse, filósofo chinês do século VI ou V a.C., in C.K.Ogden e I.A.Richards, 1976)

Trata-se, no Seminário “De um discurso que não seria do semblante”, de Jacques Lacan, de examinar as relações entre a linguística e a psicanálise. Ou seria, para falar mais exatamente, das relações de Lacan com determinados linguistas?

Lacan parte, ao que parece, de críticas recebidas de linguistas a quem ele chama “universitários”, que teriam afirmado fazer ele um uso metafórico da linguagem, a exemplo de Lévi-Strauss e Roland Barthes. A crítica recebida seria causada por um certo sentimento de posse de que desfrutariam os linguistas em relação ao seu objeto de estudo, posto que eles, se por um lado gostariam de se reservar o privilégio de falar da linguagem, por outro, acusam Lacan de usá-la de um modo abusivo.

Um abuso seria, por exemplo, a afirmação de Lacan de que não existe metalinguagem. Ora, por mais divergentes que sejam as teorias que compõem a ciência da linguística, há consenso entre gramáticos, semanticistas, pragmáticos, analistas de discursos, quanto à existência de metalinguagem. Há outro modo de falar de linguagem que não seja através dela própria? No entanto, como veremos mais adiante, Lacan, tratando da questão da escrita, vai manter o seu ponto de vista.

Abusivo, de outra parte, seria um psicanalista interrogar-se sobre a origem da linguagem, questão ainda não satisfatoriamente respondida - e dificilmente o será - quer pela filosofia, quer pela linguística. Os linguistas, compreendendo a impossibilidade de chegarem à primeira língua, desviaram a indagação inicial para questões ligadas ao

---

<sup>1</sup> Psicanalista, doutora em Linguística (UFPE), membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: severinasilviaferreira@hotmail.com.

funcionamento, ao uso e à função da linguagem. Aliás, pergunta-se Lacan nesse Seminário: se é estruturalista ou não quando se é linguista? Ou funcionalista?

Na verdade, o universo do estudo da lingüística encontra-se dividido entre dois grandes campos, ocupados pelos formalistas e pelos funcionalistas, divisão causada justamente pelas diferenças teóricas em que se viram envolvidos aqueles que se interessaram em mais saber sobre a origem da linguagem. Pode-se dizer que os formalistas fazem uma lingüística da língua e os funcionalistas uma lingüística de uso da língua. Na perspectiva formalista, a língua tem uma estrutura estável, sendo, portanto, tomada como objeto descontextualizado, ou seja, independente do uso, valendo em si mesma e por si mesma. São representantes da corrente formalista, por exemplo, R. Jakobson e N. Chomsky. Na perspectiva funcionalista, a estrutura da língua é instável, permitindo uma variação da forma; é uma entidade não suficiente em si mesma, dependendo do contexto em que é usada. Seus representantes maiores são os que fazem a pragmática e a análise de discurso.

Como se pode observar, tanto uns como outros são estruturalistas, se assim definimos aqueles que vêem na língua uma estrutura, que será mais ou menos estável, independente ou não de suas condições de uso.

Quando Lacan interroga a origem da linguagem ele o faz buscando mostrar a relação entre o que seria a questão fundamental dos linguistas e o seu ensino (de Lacan), ou, mais especificamente, a relação entre o discurso do linguista e o discurso do analista.

Ora, tendo a pragmática uma perspectiva funcionalista de analisar a língua, ela é, conseqüentemente, uma lingüística da enunciação, que faz a passagem do significado literal para o não literal. Podemos, portanto, vislumbrar aqui um ponto para onde convergem linguistas e psicanalistas, o ponto da enunciação.

Lacan, no entanto, atendo-se ao seu lugar, como os linguistas, desvia a questão da origem da linguagem para o que seria a sua causa, afirmando que só a psicanálise tem a resposta. “O instrumento fálico é ‘causa’ da linguagem” (Seminário, p. 65).

Abusivo, do ponto de vista do linguista seria, igualmente, o emprego de termos pertencentes às teorias lingüísticas, sem referência ao sentido em que são usados ou ao corpo teórico a que pertencem. Tal uso provocaria confusões e ambigüidades intransponíveis, a menos que o leitor se dedique a um detalhado trabalho de investigação em busca das fontes do texto lacaniano, tarefa nem sempre fácil, considerando que no campo da lingüística o mesmo termo pode ser usado com distintos

significados, o que exige, a priori, a identificação da teoria ou do teórico que o usa. Outra opção seria ler os termos específicos de outro campo de estudo de modo intuitivo, considerando-os como termos pré-teóricos, o que possivelmente redundaria numa multiplicidade de interpretações, algumas delas nem sempre fiéis ao pensamento lacaniano.

No caso de “O discurso que não seria de um semblante”, algumas fontes consultadas por Lacan estão expressamente citadas (eu me detenho principalmente nas lições três e quatro). Ele parte do tratado (clássico) *The meaning of meaning*, de inspiração lógico-positivista, escrito pelos ingleses C.K. Ogden e I A. Richards<sup>2</sup>.

Trata-se de um clássico publicado na Inglaterra em 1923, nascido, segundo seus autores, de uma tentativa de enfrentar diretamente as dificuldades suscitadas pela influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo, com a pretensão de dissecar o significado de ‘significado’ e de dar início à investigação dos princípios gerais de notação, ou seja, dos princípios da escrita.

Outra fonte de Lacan é o livro *Mencius on the mind*, que examina as dificuldades que perturbam o tradutor e explora a técnica da múltipla definição, escrito por um dos autores de “Significado de significado”, I. A. Richards, do qual se encontra uma referência no prefácio da quarta edição do tratado. Mencius, aliás Meng-Tsu, filósofo chinês, foi o primeiro grande escritor da Escola Confuciana. O autor de *Mencius on the mind*, escrito provavelmente no ano de 1936, tinha interesse pelo problema da escrita e da tradução, e estivera em Pequim nos anos 1929/1930, onde trabalhara como Professor-Convidado.

Qual a importância dessas informações? Tanto os autores do tratado “Significado de significado” como Lacan demonstram interesse pela escrita, e, mais exatamente, pela escrita chinesa. Ambos se deixam influenciar pela seguinte afirmação de Lao-Tse, filósofo chinês do século VI ou V a.C.:

***“Aquele que sabe não fala, aquele que fala não sabe.”***

Esta afirmação, que se encontra no início do primeiro capítulo do Tratado, intitulado “Pensamentos, Palavras e Coisas”, é a base da crítica feita pelos autores aos sábios que, na sua opinião, muitas vezes se comportam como idiotas (sic). Disso eles

---

<sup>2</sup> Este livro foi traduzido no Brasil como “O significado de significado”, título que, de fato, corresponde ao original.

forneem um exemplo, indagando-se: “nãoo foi o grande Bentley, Reitor do Trinity College, de Cambridge, Arceidiago de Bristol e detentor de outros dois cargos que teria declarado: ‘Temos a certeza, pelos nomes de pessoas e lugares mencionados na Escritura, antes do Dilúvio, para nãoo insistirmos em outros argumentos, de que o Hebreu foi a linguagem primitiva da humanidade?’” (p. 23).

A alegaãoo de que o “sábido tem provado ser (...) o mais idiota de todos” (op.cit.) parece ter sido a razãoo (ou, pelo menos, uma das razãoes) pela qual Lacan reprovou a posiãoo lógico-positivista dos autores do Tratado, afirmando: “Se partirmos do princípio de que qualquer coisa que nãoo tem sentido nãoo seja essencial ao desenvolvimento de um discurso, simplesmente perdemos o fio” (Seminário, p. 54).

Lacan parece fazer melhor uso do ensinamento do mestre chinês, que dizia, lembremo-nos, “Aquele que sabe nãoo fala, aquele que fala nãoo sabe”, parafraseando o enunciado do sábido:

***“Eu nãoo sei o que eu digo. Eu nãoo posso dizer eu sei o que eu digo.***

(Seminário, p.40)

No entanto, Lacan avança, vai adiante do mestre dizendo (e fazendo):

“Mas, digo, mesmo se eu nãoo sei o que eu digo”, porque “Somente eu sei que eu nãoo sei”. (Seminário, p.40). E se justifica: “A causa disso só pode ser procurada na linguagem. Pois, como em Freud está patente, o inconsciente está estruturado como uma linguagem”. (Seminário, p. 40).

Nãoo apenas Freud justifica Lacan, mas também Mencius, que vivera no terceiro século a.C. Ele dissera: “Eu sei a que me ater”. Lacan o repete, acrescentando: “(“Eu sei a que me ater”) mantendo-me num certo lugar, o lugar do analista, o lugar que identifico ao do psicanalista” (Seminário, p. 38). (Por isso), “Da linguística, só faãoo um uso metafórico” (Seminário, p41).

Para Lacan, Mencius “sabia o que dizia, (e) no que dizia sabia uma parte das coisas que nãoo sabemos quando dizemos a mesma coisa”. Assim, “podemos com ele aprender a sustentar uma metáfora”, inventada para funcionar. (Seminário, p. 49). E qual é a metáfora inventada por Lacan? Lacan inventa que nãoo existe metalinguagem.

Podemos notar que é na escrita que se sustenta Lacan para defender-se (de si próprio, de sua condição de falante assujeitado) e defender a sua invenção. Por isso ele interroga: qual é a função da escrita?

Considerando que é a análise do sistema da escrita chinesa que orienta o Seminário “De um discurso que não seria do semblante”, vejamos os que nos dizem os autores de “La naissance des écritures” (L. Bonfante e outros, Ed. Du Seuil, Paris, 1994). (Acreditamos que Lacan consultou ou esta ou outra obra semelhante, tendo em vista que algumas colocações suas coincidem com as de certos autores do livro, como é o caso, por exemplo, de sua afirmação de que “a escrita é segunda”).

O homem adotou quatro métodos principais de escrita: os pictogramas, os signos-palavras, os sinais silábicos e o alfabeto. Esta ordem não implica uma ideia de hierarquia, da qual o alfabeto seria o ponto mais alto. As sociedades ditas primitivas (o mito das sociedades primitivas já não existe, uma vez que atualmente não se considera que existem sistemas de escrita mais evoluídos que outras), que utilizam pictogramas, podem ser igualmente complexas nos seus modos de pensar, tanto quanto aquelas que usam outros métodos, embora o tipo de complexidade seja diferente.

Os signos-palavras ou logogramas, utilizados na escrita chinesa, teriam aparecido como uma invenção independente e não como um desenvolvimento dos pictogramas. A escrita chinesa é uma escrita cursiva, traçada a pincel, cujo aspecto estético tem um uso ornamental. Os caracteres (logogramas) são separados, inscritos dentro de um quadrado, dispostos em colunas lidas de alto a baixo, a começar pela direita. A escrita era considerada uma obra de arte, estreitamente ligada à pintura.

O chinês é, principalmente, monossilábico. Portanto, cada desenho representa, ao mesmo tempo, uma palavra e uma sílaba, e cada palavra dispõe de um signo (logograma), o que torna o sistema pouco econômico. Contudo, numerosas palavras chinesas são homófonas, isto é, de pronúncia idêntica, ainda que tenham tons diferentes. Para distinguir os diferentes homófonos a escrita chinesa emprega determinativos, ou caracteres-chaves que servem para afastar a homofonia das palavras.

Isso faz com que a escrita chinesa tenha duas classes de palavras: palavras plenas - que são capazes de ocorrer isoladamente e que têm uma definição lexicográfica individual. E palavras vazias - que raramente possuem um significado estável, quando isoladas, e que servem a propósitos gramaticais, ocorrendo na frase juntamente com as palavras plenas. Pode-se, em suma, definir a escrita chinesa como um sistema de

representação gráfica dos morfemas (palavras) por meio de símbolos individuais (signos-palavras ou logogramas).

Mas, para os linguistas, qual é a função da escrita? Para se chegar à função da escrita, é necessário antes verificar quais são as relações entre fala e escrita. Em 1986 foi realizado em Paris um grande Colóquio Internacional sobre o tema “Para uma Teoria da Língua Escrita”, durante o qual foram debatidas questões como a dependência ou autonomia do escrito em relação ao oral. Um dos eixos da discussão era: será o escrito uma “correspondência secundária” do oral? Ou será uma outra língua? A escrita é uma mera transcrição do oral? É um outro sistema?

Para Christiane Zivie-Coche (1994), a escrita é segunda. Fala-se antes e escreve-se depois. É inimaginável, assegura ela, conceber-se um grupo humano, estruturado, mesmo de maneira embrionária, em sociedade, sem linguagem (falada), veículo comum a todos, permitindo comunicar e compreender. Somente mais tarde, ela prossegue, e segundo um processo que permanece obscuro, nasceu a ideia de uma outra forma de comunicação, que não reclama a presença física de um falante e de um ouvinte. A mensagem pode ser remetida para longe de seu lugar de origem e pode subsistir apesar do desaparecimento de seu autor.

Lacan dá indícios de concordar com esse posicionamento ao afirmar: “O escrito é segundo em relação a toda função da linguagem”. “Contudo”, completa ele, “sem o escrito não é possível questionar o que resulta do efeito da linguagem” (Seminário, p. 58/59). Fabricando-se por referência à linguagem, o escrito se distingue dela ao interrogá-la. Se a interroga, não é linguagem, embora faça referência a ela. De fato, não podemos esquecer que o objeto dos primeiros estudos sobre a linguagem, denominados estudos filológicos, foram os textos escritos, em parte analisados porque se desejava conhecer a primeira língua.

Permanece obscuro o fato de Lacan sustentar que o escrito, por interrogar a linguagem, não é linguagem, embora faça referência a ela. Pensemos, no entanto, nesse termo referência, que na história da filosofia e da linguística encontrou variados usos. Lembremo-nos de Santo Agostinho, o criador da metalinguagem. Como primeiro e grande semiótico do Ocidente, Santo Agostinho desenvolveu a noção de metalinguagem, introduzindo o termo *verbum* ou *signum* (1972), definido como aquilo que pode significar.

O *signum* tem duas propriedades: ele pode significar o outro ou pode significar a si próprio. Neste segundo caso, o *signum* refere-se a si mesmo, tem uma propriedade de

auto-referência, é auto-referente, ou seja, é metalinguístico. Logo, verbum é uma atividade linguística sobre a qual se pode falar (auto-referência ou metalinguagem) e com a qual se pode falar.

Com base nessa distinção, Santo Agostinho classifica os signos em:

- a) **designadores**, que podem ser: signos não linguísticos - nuvens indicando chuvas signos linguísticos para signos linguísticos - metalinguagísticos signos linguísticos (palavras) para coisas (res ou referente);
- b) **dêiticos** - os que apontam, mostram - ostensivos (isto, aquilo)<sup>3</sup>.

Considerar o escrito como não metalinguístico é afastar do sistema da escrita a sua dimensão de linguagem, o que, aliás, parece fazer Lacan ao mencionar que “Se o escrito interroga a linguagem, não é linguagem” (Seminário, p. 59). No entanto, não seria mais preciso falar de sistemas semiológicos distintos?

Lacan, entretanto, parece se apegar às grandes diferenças existentes entre o chinês falado e o chinês escrito para aí fundamentar o seu ponto de vista. Nisso ele encontra apoio em Jack Goody (L’homme, l’écriture et la mort”, in L’écriture et ses conséquences, 1996), que defende “uma definição da escrita que insiste sobre o elo entre os sinais gráficos e a fala. Mas, não é uma mera transcrição: é uma relação muito complexa, que se dá em ambos os sentidos. Sempre há uma diglossia: uma separação entre uma língua falada e uma língua escrita”. Ele continua: “Esta separação pode ser muito forte. Pretende-se, por exemplo, que o chinês escrito nunca correspondeu a nenhuma língua oral, que é uma língua construída. Num certo sentido, qualquer escrita é um sistema construído desse tipo, e, na China, o fenômeno é um pouco mais acentuado (...) porém sempre tem um elo entre estes signos e a fala”.

A separação entre o signo escrito e o signo falado na língua chinesa ocorre pelo fato de que a China conserva uma escrita logográfica, isto é, não fonética. Qual é a vantagem disso? Goody a aponta com o exemplo dos algarismos: não sendo fonéticos, podem ser colocados por escrito em qualquer lugar, pois todos poderão lê-los, o francês, o inglês, o alemão, etc. Por isso, a escrita chinesa, não sendo fonética, pode ser empregada tanto pelo próprio chinês, como pelo coreano e pelo japonês, que dessa

---

<sup>3</sup> Os dêiticos não significam a coisa em si, mas a atividade de mostrar, de apontar, que só ganha significado na presença do que é mostrado, apontado. Logo, que só significa, só funciona no contexto.

forma podem se comunicar de maneira visual ou gráfica. Por outro lado, até hoje chineses de dialetos distintos podem se comunicar pela escrita.

Lacan, não linguista, aponta ele próprio as diferenças entre o chinês falado e escrito, mostrando que a pontuação (em chinês mas também em outras línguas) é colocada como não sendo da ordem do enunciado. Yeh, um logograma, indica uma conclusão, uma pontuação.

Aonde Lacan quer nos levar através dessa viagem pela China? A uma metáfora: ele quer nos mostrar que o referente do escrito é a verdade. Ele nos diz que a função do escrito é interrogar a linguagem. Mas, o que interroga o escrito a propósito da linguagem? Interroga, ele responde, “a ‘demansion’ da verdade, o que é do campo da lógica” (Seminário, p.22 e 59) . A lógica, por sua vez, só se faz pelo escrito, como bem diz Lacan. Há dependência entre a lógica e o escrito. A lógica não se constitui sem o escrito. A verdade só se faz pelo escrito porque é objetivo da lógica verificar a verdade ou a falsidade das proposições. O referente do escrito é, portanto, a verdade.

De fato, nenhuma lógica se constitui sem o escrito, seja a lógica aristotélica, enquanto lógica de predicados, seja a lógica dos estoicos, que partem de enunciados ou sentenças para fazer uma lógica proposicional, ou a lógica moderna, também chamada lógica matemática.

Para bem marcar a diferença entre a linguagem, ou seja, para bem marcar a sua metáfora, Lacan nos remete ao paradoxo do mentiroso. São suas as seguintes palavras (faladas): “Nenhum dos paradoxos nos quais esbarra a lógica clássica, (nomeadamente aquela do ‘eu minto’), se sustenta senão a partir do momento em que é escrito. É perfeitamente claro que dizer “eu minto” é uma coisa que não faz nenhum obstáculo visto que só se faz isso. Então, por que se não dizê-lo? (Seminário, p. 10 e 66).

Isso faz diferença não somente entre o oral e o escrito, mas também entre o linguista e o psicanalista. O linguista fala no lugar do cientista, o que necessariamente o afasta do campo do desejo. O psicanalista, enquanto tal, reconhece que, estando atado à linguagem, portanto, ao inconsciente, não pode se desvencilhar da rede dos significantes.

O que tem a escrita com os escritos de Lacan? Quando o escrito interroga a linguagem, os efeitos disso podem apontar para a insuficiência do escrito. Para mostrar a distância entre o escrito e a palavra ele próprio se dá conta de que é preciso por muitas palavras na fórmula do discurso do analista para que ela seja entendida. “Pode-se



escrever muitas coisas sem que isto chegue a nenhuma orelha. É nisto que o escrito se diferencia da palavra” (Seminário, p. 56).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- L. BONFANTE e outros (1994) *La naissance des écritures*. Paris, Seuil. C. ZIVIE-COCHE. Présentation de l'édition française, in *La naissance des écritures*.
- C.K. OGDEN e I. A.RICHARDS (1976) *O significado de significado*. Riode Janeiro, 1976.
- R.H.ROBINS (1983) *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro, 1983.
- J. LACAN (1995-1996). De um discurso que não seria do semblante. Publicação do Centro de Estudos Freudianos do Recife.(Lições 3, p. 35/49 e 4, p. 50/72).
- R. JUARROZ (1988) *Reflexiones sobre el escrito in El objeto del arte - incidências freudianas*. Buenos Aires, Ed. Nueva Visión.
- N. CATACH (1996) *Para uma teoria da língua escrita*. São Paulo, Ática.
- M.ARRIVÉ (1994) *Linguística e Psicanálise*. São Paulo, EDUSP.
- J. GOODY (1996) *L'Homme, l'écriture et la mort*. Paris, les Belles Lettres.
- AGOSTINHO, S. (1972) *De Magistro*. Coleção Os Pensadores, vol. VI, São Paulo, Ed. Abril.